


DO RISO À ARGUMENTAÇÃO: ANÁLISE DISCURSIVA DE PSEUDOPREGAÇÃO DA “IGREJA EVANGÉLICA PICA DAS GALÁXIAS”

FROM LAUGHTER TO ARGUMENTATION: DISCURSIVE ANALYSIS OF PSEUDO-PREACHING OF THE “IGREJA EVANGÉLICA PICA DAS GALÁXIAS”

Said Slaibi¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9587-2519>

 <https://lattes.cnpq.br/0380952729985362>

Rony Petterson Gomes do Vale²

 <https://orcid.org/0000-0002-0123-9828>

 <https://lattes.cnpq.br/5226735709539513>

Recebido em: 21 de maio de 2025.

Revisão final: 11 de janeiro de 2026.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2026.

 <https://doi.org/10.46401/arec.2025.v17.23433>

1 Graduado no curso de Letras - Português/Francês pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestrando em Estudos Linguísticos pela UFV. Membro do Núcleo de Estudos Discursivos (NED) do Departamento de Letras da UFV. Bolsista CAPES de Mestrado. E-mail: saidslaibi@gmail.com

2 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Líder do Núcleo de Estudos Discursivos (NED) do Departamento de Letras da UFV. E-mail: rony-vale@ufv.br

RESUMO: O presente artigo é fruto de reflexões decorrentes de uma pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento sobre os imbricamentos entre a religião e o humor no que diz respeito à área da Análise do Discurso. Analisamos uma pseudopregação do Bispo Arnaldo, falso líder religioso à frente do quadro humorístico “Igreja Evangélica Pica das Galáxias”. Utilizamos majoritariamente a Teoria Semiollingüística como referencial teórico e metodológico. Nossa análise apontou para o uso do humor como parte de um projeto argumentativo mais amplo.

PALAVRAS-CHAVE: religião, humor, semiollingüística, discurso.

ABSTRACT: This article is the result of reflections arising from a research master’s degree still in development on the imbrications between religion and humor in what concerns the area of discourse analysis. We analyse a pseudo-preaching of Bishop Arnaldo, false religious leader responsible for the humor sketch “Igreja Evangélica Pica das Galáxias”. We mainly use the Semiollingüistic Theory as a theoretical and methodological reference. Our analysis pointed to the use of humor as part of a wider argumentative project.

KEYWORDS: religion, humor, semiollingüistic, discourse.

Introdução

A relação entre a religião e a política é frequentemente estudada. No que circunscreve a área dos estudos discursivos, que é o que nos interessa, não são poucos os trabalhos dedicados a estudar, por exemplo, a produção discursiva de políticos pertencentes à bancada evangélica ou de figuras de reconhecimento nacional que transitam entre os domínios da religião e da política³. Esses trabalhos demonstram a relevância do papel da religião na sociedade, tendo em vista que “a adesão a uma crença religiosa influencia naturalmente o comportamento dos indivíduos em sociedade: ela é de natureza a modificar-lhes a atitude, a inflectir-lhes o voto, a pesar sobre suas opiniões políticas ou sociais” (Rémond, 1976, p. 164). Logo, pode-se sublinhar as relações “entre as religiões organizadas e os poderes públicos” (Rémond, 1976, p. 165).

Apesar da relevância desses estudos, observa-se, no entanto, em especial nas últimas décadas, a interface da religião com outro fenômeno: o humor. Esse estreitamento de laços entre duas zonas que, inicialmente, não têm uma clara aproximação pode gerar, a princípio, estranhamento. Isso porque: “Fazer ‘graça’ não caracteriza o espaço religioso. Tradicionalmente espera-se rir no circo, na feira livre, nas festas. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas” (Souza, 2012, p. 1).

O espaço religioso, entretanto, passou por modificações, como consequência da adesão à virtualidade inerente à modernidade. Com a expansão do digital, as instituições religiosas e as figuras a elas ligadas migraram para o ambiente virtual, em uma nova forma de interlocução com a sociedade (Melo, 2017). Como consequência, o discurso religioso passou por um processo de adaptação, “apropriando-se de características do discurso midiático e desenvolvendo uma nova forma de linguagem apropriada a esse campo” (Melo, 2017, p. 140). Ainda sobre a relação entre as mídias e o discurso religioso, Melo (2017) diz que:

A fim de manter seu poder de influência nos vários setores da vida social, as igrejas têm investido no uso da mídia, através de programas de rádio, TV e das mídias digitais, o que vem permitindo que os indivíduos continuem recorrendo a ela para compreender seu lugar no mundo, para compreender a si mesmo e para balizar valores e comportamentos. Há, na atualidade, uma conjuntura complexa que favorece o uso das novas tecnologias pelas religiões. Trata-se do processo de midiatização do discurso religioso. (Melo, 2017, p. 139)

Não é incomum que essa produção de conteúdo midiático de atores ligados ao religioso conte com recursos humorísticos no intuito de fazer com que os fiéis e demais internautas, que podem crer naquela vertente religiosa ou não, se engajem nas publicações. Neste sentido Algranti (2023), sobre a produção sistemática de conteúdos de humor na cena evangélica-pentecostal, comenta que há formatos/suportes diferentes a partir dos quais é possível organizar essa produção. Além do uso de uma fala dita humorística em situações religiosas,

3 Ver Melo (2021); Melo e Rivelli (2022); Melo e Araujo (2024).

como as pregações, essa produção ocorre por meio dos chamados “memes cristãos” e, também, pelos conteúdos feitos para sites e redes sociais (Algranti, 2023). Para o autor, a produção de conteúdos humorísticos associados ao evangelismo pentecostal está igualmente associada ao papel de “influenciadores cristãos”. Esse humor usualmente tem um caráter mais reflexivo no qual se coloca em questão, por meio de paródias, o posicionamento de líderes religiosos, como pastores, sobre a vida cristã.

Por outro lado, é preciso considerar que do mesmo modo que sujeitos ligados à religião se apropriam do ambiente digital para produzir conteúdos religiosos, humoristas, ligados ou não a uma determinada religião, utilizam as mídias digitais como plataforma para divulgação de seus trabalhos. Esses trabalhos, por sua vez, podem ter como base a subversão de elementos do campo religioso para gerar humor. No caso do pentecostalismo, por exemplo, acredita-se que uma das explicações para o surgimento de conteúdos humorísticos sobre essa vertente religiosa seja, justamente, o crescimento do setor e o aumento da circulação de discursos sobre a cena evangélica pentecostal, já que “a humanidade só faz piadas (chistes, anedotas, caricaturas, humor em geral) sobre temas controversos, ou seja, temas sobre os quais há uma razoável pletora de discursos” (Possenti, 2010, p. 12). Possenti (2010) adiciona:

não há piadas sobre temas que não interessem a ninguém, ou que só interessem a poucos, e sobre temas sobre os quais há um único discurso, um único ponto de vista corrente. Sirvam como exemplos óbvios as piadas sobre sexo, poder, raças ou etnias, instituições etc., que sempre põem em circulação e em oposição pelo menos dois discursos: um “correto” e um outro que é de alguma forma reprimido ou proibido, “incorreto.” (Possenti, 2010, p. 12)

As ponderações realizadas até aqui nos levaram a eleger, para nortear nossas discussões, a pseudopregação “O Plano de Poder da igreja evangélica - Bispo Arnaldo”⁴, do personagem Bispo Arnaldo, associado ao quadro humorístico “Igreja Evangélica Pica das Galáxias”, de autoria do humorista Arnaldo Taveira. Neste *corpus* o humor, como veremos em nossa análise, é o fio condutor utilizado para conduzir um projeto argumentativo mais amplo. Como o pseudolíder Bispo Arnaldo assume o púlpito de uma igreja (ainda que fictícia) que se denomina “evangélica” vemos a necessidade de tecermos comentários sobre os evangélicos no Brasil, mais especificamente, sobre os pentecostais, visto que o pseudolíder se considera como pentecostal e características desse setor religioso se mostram implicadas em seu discurso.

Desse modo, este trabalho seguirá da seguinte maneira: num primeiro momento, apresentamos um panorama breve dos evangélicos e dos pentecostais no Brasil; em seguida, levantamos alguns pontos de discussão sobre o humor no que diz respeito aos estudos discursivos; após isso, analisamos o quadro humorístico da Igreja Evangélica Pica das Galáxias; por fim, tecemos considerações sobre os efeitos de sentido oriundos dessa produção discursiva, evidenciando a interdiscursividade nela presente.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zdwIFLc7DMI>. Acesso em: 14 abr. 2025.

Os evangélicos no Brasil: breve panorama

De acordo com Lima (2019, p. 226), “o brasileiro é de fato religioso e isso reflete em sua vida cotidiana”. Segundo os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo IBGE) do ano de 2010⁵, os evangélicos⁶ são o segundo segmento religioso em termos numéricos no país, atrás apenas dos católicos. Isso representa uma porcentagem de 22,2% da população brasileira ou, em números de indivíduos, cerca de 42,3 milhões. Conforme o Censo IBGE de 2000, a porcentagem evangélica era de aproximadamente 15,4% (ou cerca de 26,2 milhões de cidadãos), o que, comparativamente, representa um aumento significativo neste espaço de tempo.

Há previsões indicando que essa tendência continuará nos anos seguintes, o que quer dizer que a parcela dos brasileiros que se entendem como evangélicos deve continuar a crescer. Conforme apresentado por Spyer (2020), na década de 2030 o número de evangélicos poderá superar o de católicos no Brasil, o que simboliza uma transformação considerável do cenário nacional. Para Spyer (2020):

O cristianismo evangélico está deixando de ser apenas uma categoria religiosa. Ele se tornou um meio para constituir uma nova classe média brasileira - no sentido sociológico do termo, que resulta de investimentos na educação, e não apenas em termos de aumento de renda. Por esses motivos, 2020 será a década dos evangélicos, e quem não entender o cristianismo evangélico não terá condições de pensar o Brasil atual. (Spyer, 2020, p. 22)

O crescimento do cristianismo evangélico ocorre conjuntamente à redução do número de brasileiros que se filiam ao catolicismo. Conforme o Censo IBGE 2010, a porcentagem de adeptos ao catolicismo marcou 64,6%, quando, no Censo IBGE 2000, essa porcentagem chegava a 73,6%. Uma das justificativas frequentemente apontadas para essa mudança de cenário é o crescimento de um grupo específico pertencente ao movimento evangélico: os pentecostais, de modo que “hoje, e em grande medida devido ao pentecostalismo, larga parcela da sociedade se diz cristã sem ser católica” (Oro, 2011, p. 386). Essa transição de pertença religiosa é, como indica Mafra (2014), uma tendência em curso no país desde o final do século XX.

O Pentecostalismo no Brasil: passado, presente e futuro

O pentecostalismo é, hoje, uma das vertentes religiosas de maior expressividade no cenário nacional, levando em consideração a adesão populacional ao movimento e às suas manifestações nos âmbitos midiático, político, cultural, para citar apenas alguns. O pentecostalismo “é uma crença na ação da terceira pessoa da Trindade por meio de visões,

⁵ Os dados do Censo IBGE 2022 ainda não estão disponíveis.

⁶ Neste trabalho, vamos utilizar sem distinção o termo “evangélico” já que, no Brasil, “protestante” e “evangélico” se tornaram sinônimos (Pierucci, 2000).

revelações, curas e glossolalia (manifestação de línguas estranhas)” (Alencar, 2023, p. 131). Seu nome remonta a passagem bíblica de Pentecostes (Freston, 1993) e sua origem histórica tem ligação com o “reavivamento dentro das igrejas metodistas e batistas” (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000, p. 203) nos Estados Unidos do século XIX. O movimento se consolidou nos EUA no início do século XX, chegando ao Brasil pouco depois e conquistando rapidamente fiéis.

Para Oro (2011, p. 385), o pentecostalismo tem a “capacidade de se adaptar às realidades religiosas, sociais e culturais brasileiras e latino-americanas”, de modo que “o pentecostalismo constitui hoje um ator social que não dá mais para não ser levado em conta no cotidiano da sociedade brasileira” (Oro, 2011, p. 385). Além disso, o pentecostalismo é marcado pela pluralidade de denominações religiosas conectadas a ele. Segundo Mariano (2008):

Dada a diversidade institucional e a pluralidade interna desse movimento religioso, não é despropositado falar em pentecostalismos, no plural. Pois, além da presença de elevado número de igrejas existentes e concorrentes, há grande variação doutrinária, ritual, litúrgica, organizacional (governo eclesiástico), comportamental e estética [...] Variam igualmente suas estratégias proselitistas, seus públicos-alvo, sua relação com os poderes públicos, com a política partidária e com os meios de comunicação de massa (Mariano, 2008, p. 69-70)

No Brasil, há tentativas de explicar o pentecostalismo a partir de fases cujas características podem ser agrupadas em torno de certos períodos. Uma das divisões é a de Freston (1993), que propôs o entendimento do pentecostalismo no Brasil em três ondas. A *primeira onda*, também chamada de pentecostalismo clássico, se inicia na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã do Brasil, em 1910, e com a Assembleia de Deus, em 1911. Esse primeiro momento se estende até meados de 1950. A *segunda onda* tem sua duração estimada entre meados de 1950 a meados de 1960. Essa fase teve como expoente as igrejas: *i*) Igreja do Evangelho Quadrangular, no ano de 1951, *ii*) a Brasil para Cristo, em 1955; *iii*) a igreja Deus é Amor, em 1962. A *terceira onda*, por fim, tem seu início na década de 1970 e se impulsiona no cenário nacional durante a década de 1980. Uma das representantes dessa onda é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977 pelos líderes religiosos Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, este que seria responsável por fundar, mais tarde, a Igreja Internacional da Graça de Deus.

A *terceira onda* é usualmente nomeada como a fase neopentecostal. Esse momento é marcado por um culto com características que o aproxima de um “espetáculo religioso” (Campos, 1997, p. 66). As igrejas neopentecostais:

oferecem uma forma de religiosidade muito eficiente em termos práticos, pouco exigente em termos éticos e doutrinariamente descomplicada. Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato (Pierucci, 2000, p. 288)

Sobre o elo entre a religião e a cultura contemporânea, Cardozo (2010) diz que “a cultura contemporânea mundializada impõe sua lógica sobre as religiões ao tornar disponível, no mercado simbólico, enorme variedade de ideologias e crenças e, assim, abrir caminho para a sua relativização” (Cardozo, 2010, p. 83). Para o autor, essa visão sobre a religiosidade no contemporâneo acarreta em “bricolagens, reinvenções” e em uma “neorreligião marcada pelo estilo emocional e espetacular” (Cardozo, 2010, p. 83) da qual o neopentecostalismo é um exemplo.

Como visto, os evangélicos representam, hoje, uma grande fração da religiosidade em território nacional. Como religião e sociedade estão intimamente conectadas, torna-se impossível ignorar o papel dos evangélicos no contemporâneo, sobretudo pela tendência de crescimento que se aponta para os próximos anos. Se, antes, “os fiéis do passado queriam distância do que viam como vicissitudes de um entorno impuro” e “evitavam interações mais diretas com a sociedade secular, para não se deixarem contaminar por ela” (Balloussier, 2024, p. 173), hoje os evangélicos estão na política, na mídia, na cultura, na indústria da música e do cinema e, também, na produção humorística.

Considerações sobre o humor

Devemos considerar que humoristas podem se aproveitar dessa massificação do perfil evangélico para produzirem piadas já que “as piadas (mas também outros tipos de textos humorísticos) constroem-se sobre lugares comuns e estereótipos. Ou seja, não são piadas (ou o discurso humorístico) que os constroem. Elas só os exploram de novo e a seu modo” (Possenti, 2010, p. 81).

O humor é definido e estudado a partir de diferentes olhares. Aqui, vamos nos limitar a discutir o humor no âmbito dos estudos discursivos, sobretudo como o humor é entendido pela Teoria Semiolinguística do Discurso, vertente ligada à Análise do Discurso. Charaudeau (2006) defende que o humor é uma estratégia de discurso que pode aparecer, por isso, em diversas situações comunicativas. Ainda assim, sob certas circunstâncias, Charaudeau (2006) diz que existe a possibilidade de considerar o humor como um gênero, como no caso das esquetes humorísticas.

Para Charaudeau (2011), o dispositivo comunicacional e enunciativo do ato humorístico é entendido da seguinte forma: na instância de produção há um locutor, com atributos psicológicos e sociais, responsável pela produção do ato humorístico e o enunciador, que está submetido ao mundo de palavra, existindo no discurso. Na instância de recepção, por outro lado, temos o receptor, ou seja, o ser também dotado de atributos psicológicos e sociais, que receberá o ato humorístico e o interpretará, e o destinatário, imagem de um ser idealizado pelo locutor do ato humorístico para ser o receptor (Charaudeau, 2011). Portanto, é possível que o receptor e o destinatário não correspondam à mesma imagem, já que um efetivamente existe no mundo e o outro é apenas um potencial almejado. Sendo assim, o locutor pode imaginar um destinatário ideal para o seu ato humorístico mas, na realidade, o receptor, ser de carne e osso,

pode ser diferente dessa previsão inicial (Charaudeau, 2011).

Além disso, ao destinatário é atribuída a possibilidade de preencher diferentes papéis: ele pode ser um cúmplice do ato humorístico proposto pelo locutor, ou pode ser uma vítima (Charaudeau, 2011). Caso seja cúmplice, o seu papel previsto é o de compartilhar a visão de mundo proposta pelo locutor. Agora, caso seja a vítima, o destinatário cumpre o papel de alvo de um julgamento negativo (Charaudeau, 2011).

Vimos, até agora, dois elementos, dos três, que compõem o dispositivo comunicacional e enunciativo do ato humorístico para Charaudeau (2011): o locutor/enunciador e o receptor/destinatário. O terceiro elemento é o alvo, ou seja, sobre quem ou o quê recai o ato humorístico. Conforme Charaudeau (2011), esse alvo pode ser formado por somente um indivíduo ou por um grupo social, bem como pode ser formado por uma abstração, como as ideias, crenças e opiniões. De toda forma, há sempre um direcionamento para o ato humorístico: há uma crítica, um julgamento, uma piada sobre alguém ou alguma coisa.

De toda forma, o ato humorístico é uma aposta lançada pelo humorista, o qual faz uma certa proposição ao destinatário com relação à visão criada pelo ato humorístico (Charaudeau, 2006). Isto é, o humorista deseja que o seu destinatário “compre” o seu ato humorístico e tenha aderência à proposta, ação responsável por gerar os efeitos possíveis do ato humorístico (Charaudeau, 2006).

Charaudeau (2006) nos aponta quatro possíveis efeitos, sendo eles: *i) a convivência lúdica*, na qual o efeito do ato humorístico é mais livre de espírito crítico e ocorre simplesmente pelo prazer de ser; *ii) a convivência crítica*, na qual acontece a crítica a uma ordem do mundo estabelecida, como uma denúncia de falsos valores escondidos sob um manto de falsa virtude; *iii) a convivência cínica*, detentora de um efeito de destruição e desvalorização de valores da vida social, como a vida e a morte, por exemplo; *iv) a convivência de derrisão*, relativa a “desqualificação do alvo ao rebaixá-lo, isto é, ao fazer descê-lo do pedestal no qual ele estava” (Charaudeau, 2006, p. 37 - tradução nossa).⁷ Para Charaudeau (2015):

o humor é transgressivo. É a sua razão de ser. O ato humorístico quebra o espelho das convenções sociais, quebra os julgamentos de bom senso, estilhaça os estereótipos identitários, derruba visões de mundo, fazendo descobrir o inverso daquilo que se dava como evidência incontestável (Charaudeau, 2015, p. 137 - tradução nossa)⁸

Segundo Charaudeau (2015), o ato humorístico teria a capacidade de se suplantar a uma aparente ordem do mundo, ao colocar em evidência a desordem. Além disso, Charaudeau (2015) adiciona outra capacidade para o ato humorístico: a de triunfar sobre as convenções estabelecidas e a moral social. Disso decorre que “Toda fala humorística é dotada de um

7 Do original: “La dérision vise à disqualifier la cible en la rabaissant, c’est-à-dire en la faisant descendre du piédestal sur lequel elle était” (Charaudeau, 2006, p. 37).

8 Do original: “L’humour est transgressif. C’est sa raison d’être. L’acte humoristique brise le miroir des conventions sociales, casse les jugements bien-pensants, fait voler en éclats les stéréotypes identitaires, renverse les visions du monde faisant découvrir l’envers de ce qui se donnait comme évidence inattaquable” (Charaudeau, 2015, p. 137).

juízo mais ou menos iconoclasta sobre o mundo, mas de um juízo que só vale no momento de sua enunciação” (Charaudeau, 2015, p. 138 – tradução nossa).⁹

Vale (2013) aponta que o discurso humorístico pode suscitar alguns problemas, em especial no que diz respeito ao vínculo que o discurso humorístico tem com outros tipos de discurso. Para o autor, o discurso humorístico:

mantém com outros discursos certas relações interdiscursivas que também podem ser caracterizadas por metáforas de cunho biológico: a primeira ligada à necessidade do DH de “conviver” e de se “alimentar” de outros discursos numa espécie de *mutualismo*; a segunda, consequência da primeira, referente não só a capacidade do DH para *imitar* gêneros e textos, mas, também à sua capacidade em *replicar* cenas enunciativas dos outros tipos de discurso (Vale, 2013, p. 135 – grifos do autor)

Em outras palavras, o discurso humorístico pode se apoiar no formato de outros discursos e colher para si elementos de outros discursos, tornando possível o surgimento de estruturas de outros tipos de discurso no discurso humorístico, já que este, supostamente, seria ausente de estrutura prototípica (Vale, 2013). Isso, por sua vez, faz com que “o leitor/ouvinte acione, para uma maior compreensão dos efeitos de sentido, não somente planos isotópicos diferentes, mas também cenas englobantes diferentes” (Vale, 2013, p. 143). No caso aqui estudado, isso ocorre entre o discurso humorístico e o discurso religioso, especificamente dizendo, da pregação evangélica pentecostal sendo necessário, dessa forma, acionar conhecimentos sobre o plano isotópico da religião evangélica, ou melhor dizendo, da pregação evangélica, para compreender o jogo contratual humorístico firmado.

O pseudópito da Igreja Evangélica Pica das Galáxias

A “Igreja Evangélica Pica das Galáxias” é um quadro humorístico cujo responsável por sua produção é o humorista e narrador Arnaldo Taveira. Arnaldo, humorista, criou uma igreja evangélica fictícia, bem como um líder fictício, este que divulga por meio das mídias digitais uma série de “pregações” para os seus seguidores e demais internautas. Os conteúdos temáticos dos vídeos variam e abrangem desde comentários acerca da própria religião evangélica e das maneiras de viver essa religiosidade como assuntos cotidianos, políticos, sociais, de celebridades etc. Além dos conteúdos voltados para o meio digital, o humorista também se apresenta em teatros e casas de show com o seu personagem. Em 2025, o humorista roda o Brasil com a turnê intitulada “Na Minha Época”¹⁰.

Embora o humorista utilize sites e outras redes sociais para divulgação de seu

⁹ Do original: “Toute parole humoristique est porteuse d’un jugement plus ou moins iconoclaste sur le monde, mais d’un jugement qui ne vaut qu’à l’instant de son énonciation” (Charaudeau, 2015, p. 138).

¹⁰ Disponível em: <https://www.apostoloarnaldo.com.br/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

personagem, nosso enfoque, aqui, será o personagem e a constituição do quadro humorístico a partir das publicações feitas na plataforma de vídeos *Youtube*¹¹. Os vídeos são publicados no canal que leva o nome do humorista, “Arnaldo Taveira”, em conjunto com vídeos que carregam outros conteúdos, como entrevistas, narrações, entre outros.

A publicação de vídeos da “Igreja Evangélica Pica das Galáxias” se dá no *Youtube* desde meados de 2012 até hoje. O personagem, aliás, não foi sempre conhecido sobre a nomeação “Bispo Arnaldo”. Na verdade, o canal se estrutura em três fases distintas e significativas¹²: i) Pastor Arnaldo, primeira fase, com duração até começo de 2015; ii) Bispo Arnaldo, do começo de 2015 até meados de 2018; iii) Apóstolo Arnaldo, de meados de 2018 até o período atual.

O personagem “sobe de nível” nessa hierarquia eclesiástica fictícia com base no número de inscritos no seu canal do *Youtube*. A indicação dessas fases, bem como as transmutações entre uma fase para outra, se dão usualmente por meio dos títulos dos vídeos que levam, no começo, a temática geral e, ao final, um traço seguido da indicação do personagem como, por exemplo, do vídeo que escolhemos para a análise: “*O Plano de Poder da igreja evangélica - Bispo Arnaldo*”.

Em todo o tempo do canal, no que tange ao quadro humorístico da Igreja Evangélica Pica das Galáxias, o humorista produziu sistematicamente vídeos ligados ao seu personagem. Até a data de 13 de março de 2025 haviam sido publicados mais de 770 vídeos, e os vídeos acumulavam cerca de 128 milhões de visualizações¹³. Com relação à fase do Bispo Arnaldo, já que é deste momento o vídeo por nós selecionado, ela é constituída de quase 200 vídeos que, em conjunto, arrematam aproximadamente 40 milhões de visualizações.

Esse levantamento foi realizado considerando o uso dos sintagmas nominais “Pastor Arnaldo”, “Bispo Arnaldo” ou “Apóstolo Arnaldo” ao final dos vídeos, e desconsideramos aqueles vídeos que estavam com seu alcance público limitado pela ferramenta “*Só para membros*” do *Youtube*, uma vez que essa ferramenta limita a visualização dos vídeos aos membros do canal do humorista.

O que nos chama atenção nos discursos do pseudolíder é a linha tênue entre o discurso religioso e o humorístico. Isso pode levar, cremos, a dificuldades de compreensão do personagem, já que o contrato pressupõe entender que há a sobreposição de dois planos: o plano real, em que o humorista é o ser pensante por trás do quadro humorístico, e o plano ficcional, em que há o personagem e os seus seguidores, membros da Igreja Evangélica Pica das Galáxias.

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/user/karnaldo/videos>. Acesso em: 15 abr. 2025.

12 Poderíamos dizer que o personagem se estrutura em quatro fases, sendo a mais recente a de “Vice-Deus Arnaldo”. Todavia, apesar de ter obtido o número de inscritos necessários para chegar a esse “cargo” na “hierarquia eclesiástica”, no final de 2021, não foram produzidos vídeos de forma sistemática que tenham levado essa nomenclatura, o que justifica a não-inclusão dessa nomeação nas fases do personagem, já que a produção de conteúdo não foi significativa.

13 Dados relativos somente aos vídeos da IEPG, pois no canal do *Youtube* o humorista também publica vídeos com outros conteúdos.

O próprio humorista chegou a gravar vídeos no intuito de explicar o seu personagem¹⁴, confessando que há quem não tenha entendido se tratar de ficção e que chegou a sofrer ameaças de morte em razão do personagem. Isso também nos coloca uma interrogação: afinal, seria o quadro humorístico e seu líder uma transposição dos limites do humor, se é que esses limites existem e são bem reconhecidos? Essa é uma questão extensa, que demanda fortemente uma reflexão mais ampla, o que não é o objetivo aqui, embora acreditemos que essa pergunta forneceria uma força motriz para uma série de pesquisas, sobretudo na área dos estudos discursivos.

De toda forma, essa linha tênue observada é o que nos leva a tratar o discurso analisado como pseudopregação: apesar de haver elementos associados ao discurso religioso, do gênero pregação, se trata de uma ficção, logo, uma falsa pregação. Isso é possível devido ao caráter mimotópico do discurso humorístico (Vale, 2013) que absorve elementos de outros tipos de discursos. A consideração de que o discurso humorístico pode trazer para si traços de outros discursos é o que nos leva a falar no mecanismo da paródia.

Conforme Charaudeau (2006), a paródia se baseia na produção de um texto com base em um texto já existente. No novo texto mobilizam-se características de um texto mais antigo, sem reproduzi-las integralmente: a mobilização existe, mas com um certo deslocamento, deixando-se perceber que não se trata de mera repetição e tentativa de se passar pelo original. No caso do Bispo Arnaldo, sua pseudopregação revela marcas do campo religioso pentecostal passíveis de serem reconhecidas como, por exemplo, uma suposta glossolalia, ou “falar em línguas”, quando o Bispo cria palavras como “xerebecanto”; o uso de “irmãos” para se referir aos seus fiéis; o uso de “amém” após uma declaração forte, além dos elementos plásticos e estéticos do vídeo. Mas não há intenção, por parte do Bispo Arnaldo, de fazer com que sua produção se passe verdadeiramente por uma pregação, deixando-se entrever caminhos possíveis para a interpretação de que se trata de conteúdo humorístico. Portanto, o mecanismo da paródia é um dos pilares responsáveis pela sustentação do projeto argumentativo.

Análise discursiva da pseudopregação “O Plano de Poder da igreja evangélica - Bispo Arnaldo”

O vídeo “O Plano de Poder da igreja evangélica - Bispo Arnaldo”¹⁵ foi publicado em 23 de agosto de 2016 no canal Arnaldo Taveira, no *Youtube*. Ele acumula atualmente 114.918 visualizações e conta com 453 comentários e cerca de 10 mil *likes* dos internautas. Com relação à troca comunicativa, do lado do eu-humorista, produtor do ato humorístico, temos o verdadeiro humorista Arnaldo Taveira, que acumula seus traços psicossociais e faz parte de uma dada sociedade no mundo real. Na identidade discursiva, como protagonista do ato humorístico, encontramos o Bispo Arnaldo, líder da Igreja Evangélica Pica das Galáxias.

Esse líder inicia o seu ato comunicativo dirigindo a sua fala aos ouvintes, os seus

14 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9W33xB5YFg>. Acesso em: 16 abr. 2025.

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zdwIFLc7DMI>. Acesso em: 16 de abr. 2025.

“irmãos”, termo comumente utilizado nos meios evangélicos para se referir a outros fiéis. Inicialmente, ao contar para os seus “irmãos” que falará “do plano de poder dos evangélicos” poderia se pensar que o Bispo não coaduna com a inserção de si nesse meio religioso, como se ele fosse um terceiro que passará para frente uma notícia, um rumor, uma fofoca que ouviu sobre esse plano de poder.

Essa expectativa, todavia, é quebrada no momento em que ele diz *“vocês tão achando que nós tamo de bobeira, hein?”* visto que, assim, ele se insere na coletividade evangélica por meio do uso do pronome de primeira pessoa do plural *“nós”,* deixando claro para quem o ouve que ele se compreende enquanto parte integrante deste grupo (ainda que, reforçamos, se trate de um plano ficcional):

i. Bispo Arnaldo: Irmãos, hoje eu vou falar pra vocês do plano de poder dos evangélicos. É, irmão, vocês tão achando que nós tamo de bobeira, hein? Xerebecanto!

Em seguida, o Bispo diz que nenhum evangélico vai preso e questiona aos seus ouvintes, ou seja, aos seus *“irmãos”,* se eles sabem o porquê de isso ocorrer: *“Por que que nenhum evangélico vai preso, irmãos? Vou falar pra vocês sobre três segredos que explicam isso daí”.* Se acatamos o plano ficcional e nos incluímos no jogo estabelecido como um dos *“irmãos”,* aceitamos, assim, se tratar de um Bispo, o qual teria, por isso, a credibilidade e a fiabilidade necessárias para nos contar *“sobre três segredos que explicam”* a situação, já que ele seria detentor dos conhecimentos primordiais para isso:

ii. Bispo Arnaldo: O primeiro deles: nos envolvemos com política, amém? Xerebecanto! Elegemos um monte de deputados evangélicos, fizemos uma bancada evangélica, e vocês não elegeram ninguém que tenha cu pra combater a gente, amém? Dacantaralabassúbia! [...] Até na inauguração daquele Templo de Salomão os políticos tavam tudo lá, inclusive a presidente Dilma Rousseff [...] é muito poder político que nós temos, irmãos. Mas não vamos parar por aí não. Quando cês menos perceberem nós teremos tomado conta de 100% da política nacional, e aí vocês vão ter que viver de acordo com as nossas regras, seus otários!

No trecho acima, o Bispo faz menção à existência da bancada evangélica, cujo nome oficial é Frente Parlamentar Evangélica. Essa bancada é entendida como *“um grupo suprapartidário, composto por congressistas ligados a diferentes igrejas evangélicas, tanto do ramo histórico ou de missão como do pentecostal e neopentecostal, que atuariam em conjunto para aprovar ou rejeitar a legislação de interesse religioso”* (Prandi; Santos, 2017, p. 187). Sua origem está ligada à eleição de protagonistas políticos para atuar na Assembleia Constituinte, de 1986, (Prandi; Santos, 2017) e atualmente essa bancada demonstra uma grande força, com 217 deputados signatários associados a ela no Congresso Nacional¹⁶.

16 Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477>. Acesso em: 16 abr. 2025.

O Bispo, então, demonstra ter ciência da expressividade da bancada evangélica na cena política atual e se insere nessa coletividade novamente por meio de pronomes e verbos em primeira pessoa. Ao dizer *“nos envolvemos com política”* e *“elegemos um monte de deputados evangélicos, fizemos uma bancada evangélica”* ele demonstra concordar com a articulação religião-política em curso no país e demonstra fazer parte desse movimento e apoiá-lo.

O Bispo Arnaldo não só reconhece o tamanho do poder que o segmento evangélico tem ao se enquadrar como uma das figuras que compartilham desse poder (*“é muito poder político que nós temos, irmãos”*), como também menciona um fato histórico ocorrido no Brasil dois anos antes da data de publicação do vídeo: a inauguração do Templo de Salomão¹⁷, prédio ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo. Durante a inauguração, realizada no dia 31 de julho de 2014, a presidente Dilma Rousseff esteve presente ao lado de outras figuras conhecidas da política nacional.

Além de aparentemente apoiar esse movimento, o personagem também alfineta os que seriam contrários à união entre a política e a religião, reforçando, mais uma vez, o lado (hipoteticamente) em que está: *“vocês não elegeram ninguém [...] pra combater a gente”*. Essa fala estabelece uma dicotomia entre o “nós”, a partir da forma linguística “a gente”, e o “eles”, a partir da forma linguística “vocês”. Essa dicotomia é vista em trecho posterior, quando o Bispo Arnaldo revela aos ouvintes o que o futuro reservaria para os brasileiros: o crescimento dos evangélicos na política nacional, dessa vez, chamando o grupo compreendido por “vocês” de *“seus otários”*.

O Bispo Arnaldo declara como será o modo de vida desse grupo, teoricamente composto pelos não-evangélicos, sob o poderio evangélico, quando a dominação no âmbito político ocorrer: *“Mas não vamos parar por aí não. Quando cês menos perceberem nós teremos tomado conta de 100% da política nacional, e aí vocês vão ter que viver de acordo com as nossas regras, seus otários!”*. Essa dicotomia, da qual decorre bons ânimos para os iguais e maus ânimos para os diferentes, é um traço característico do discurso intolerante (Bueno, 2020). Por se tratar de humor, no entanto, devemos pressupor a não-seriedade (Possenti, 2010).

Assim, essa passagem, de certa maneira, poderia ser um indício de intolerâncias que se passam no plano real e, se tomamos isso como verdade, então observamos aqui o uso da ironia como estratégia para gerar o humor. Isso já que o dito é positivo, mas, ao entrarmos no jogo humorístico, somos convidados a compreender que há um julgamento negativo por trás do que é dito (Charaudeau, 2006). Como resultado, um efeito de sentido passível de depreendemos é o de que, apesar de o personagem estar nos apresentando esse “plano de dominação” como algo positivo, na verdade, se trata de uma crítica ao crescente entrelaçamento da política com a religião que acontece no Brasil nos dias de hoje.

Depois, o Bispo Arnaldo passa a desenvolver o segundo ponto de sua argumentação. Dessa vez, ele tece comentários acerca do vínculo entre os evangélicos e a mídia. Ele fala sobre a televisão, mencionando de forma genérica e, depois, citando a TV Record como um exemplo

17 Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/07/templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

mais específico e fala também sobre o uso da rádio por esse grupo religioso. Novamente, o Bispo se insere no grupo religioso dos evangélicos ao dizer “*nós estamos dominando a grande mídia [...] nós fazemos pressão, nós ditamos as regras*”. Em conjunto a isso, o personagem acrescenta um comentário aparentemente incoerente, ao dizer que “*aqui tem rádio evangélica que pega até sem rádio, irmão, é incrível!*”. Essas duas passagens podem ser interpretadas a partir do conceito de ironia já apresentado acima. Ao fazer um comentário supostamente positivo referente à pressão e às regras, ao “*rádio que pega até sem rádio*”, esconde-se um efeito de sentido negativo: uma crítica à expansão deste segmento religioso nos instrumentos midiáticos brasileiros:

iii. Bispo Arnaldo: O segundo ponto é que nós estamos dominando a grande mídia. Todas as televisões estão ao nosso dispor, amém? Inclusive, de madrugada, se você ligar a sua televisão, só vai ter pregação de evangélico, amém? Não tô falando só da TV Record, não, irmãos, nós fazemos pressão, nós ditamos as regras em todas as TV's nacionais, inclusive as rádios [...] aqui tem rádio evangélica que pega até sem rádio, irmão, é incrível!

Por fim, o dito “terceiro segredo” pelo Bispo Arnaldo é relativo ao crescimento das igrejas ditas pentecostais. Aqui, o comentário assume um tom consciente sobre o panorama religioso do Brasil, que reflete o trânsito religioso entre diferentes denominações e formas de viver a religiosidade.

O Bispo Arnaldo se entende como um líder neopentecostal, ou pentecostal de terceira onda: “*evangélicos somos nós, os neopentecostais, irmãos*”. Poderíamos entender que com essa construção ele atribui a si e aos outros indivíduos que se entendem como “*neopentecostais*” as características de genuinidade e legitimidade referente à expressão de fé (“*evangélicos somos nós, os neopentecostais*”), em oposição aos demais evangélicos, não-neopentecostais, considerados como intrusos nesse organismo. Contudo, essa lógica não é exatamente defendida pelo personagem, já que este raciocínio de oposição é endereçado ao destinatário: “*Passamos a frente das igrejas evangélicas tradicionais a ponto de você achar que evangélicos somos nós, os neopentecostais, irmãos*”.

Ao dizer “*a ponto de você achar*”, direcionando-se ao destinatário, implicando-o diretamente na troca comunicativa, no que Charaudeau (2016) chama de modo alocutivo, o personagem coloca, nas costas de seu interlocutor, a responsabilidade por esse julgamento. Essa interpretação é apoiada pela passagem seguinte, na qual o Bispo Arnaldo questiona o seu destinatário se este tem conhecimento das igrejas frutos do protestantismo histórico: “*Aonde é que tá a Batista? Aonde é que tá a Presbiteriana? Onde é que tá a Luterana? Você não sabe nem o que que é isso, irmão*”.

Hoje, as igrejas pentecostais e neopentecostais abocanham a maior parte do público considerado evangélico, despontando como importantes centros religiosos no contemporâneo no que tange à expressão de adesão de fiéis, e o personagem parece ser detentor dessa informação. Ao supor que o seu destinatário possa compartilhar a visão dicotômica sobre as “*igrejas evangélicas tradicionais*” e neopentecostais, o próprio personagem percorre o caminho

necessário para desconstruir esse raciocínio. Ou seja, o dito do Bispo Arnaldo tem o potencial para fazer o seu destinatário colocar em xeque esse modo de observar as teias relacionais do meio evangélico, no caso de o seu destinatário ter essa visão dicotômica:

iv. Bispo Arnaldo: O terceiro segredo é que nós engolimos a concorrência. Passamos a frente das igrejas evangélicas tradicionais a ponto de você achar que evangélicos somos nós, os neopentecostais, irmãos. Aonde (sic) é que tá a Batista? Aonde (sic) é que tá a Presbiteriana? Onde é que tá a Luterana? Você não sabe nem o que que é isso, irmão. Aquele evangélico tradicional, aquele evangélico raiz, quase não existe mais, irmãos. Só nossas igrejas tomaram conta.

Na continuidade, o Bispo Arnaldo cita uma série de atributos usualmente associados às formas de expressão do viver religioso das igrejas neopentecostais, como, por exemplo, seu caráter mais despojado e dinâmico, frente a outros tipos de igrejas, que aproxima o culto de um espetáculo, como mencionado anteriormente por Campos (1997) e Cardozo (2010). Ao final, a passagem *“aonde (sic) puder meter uma igreja nós tamo (sic) metendo, irmão”* é relacionada, justamente, com o crescimento das igrejas desta terceira onda religiosa:

v. Bispo Arnaldo: O público quer ver o que? É espetáculo! O público quer som e luz. O público quer fumaça. O público quer falar de dinheiro! [...] e nós damo (sic) tudo isso pra eles! Tamo (sic) comprando boate, tamo comprando cinema, tamo comprando teatro, ginásio, aonde (sic) puder meter uma igreja evangélica nós tamo (sic) metendo, irmão.

No final do vídeo, há um maior tremor entre os planos ficcional e real. O Bispo Arnaldo, ainda no personagem, solicita aos ouvintes, os *“irmãos”*, que estes engajem não somente o vídeo, mas o canal como um todo. O personagem pede para que os ouvintes divulguem o canal, se inscrevam, peçam para que outros se inscrevam, e autorizem notificações para receberem os vídeos.

Ainda no personagem, é dada uma justificativa para que o canal receba esse engajamento: a suposta relevância da denúncia feita no vídeo acerca do comportamento de uma parcela dos evangélicos, grupo sintetizado pela forma linguística *“eles”*: *“Se ninguém combater, irmão, daqui a pouco eles tão dominando o mundo [...] não vai ter carnaval, não vai ter baile, não vai ter piranhada, não vai ter nada”*. Realiza-se uma crítica a um certo modo pudico de agir do grupo que, acabasse *“dominando o mundo”*, supostamente instauraria uma orientação de conduta pública mais alinhada aos ideais e às práticas da religiosidade que professam.

Esse término é, inclusive, um grande indício do tom geral do discurso do Bispo Arnaldo, pautado pelo uso das ironias para se sustentar: apesar de constantemente se inserir no seio evangélico atribuindo a si mesmo a nomenclatura de líder pentecostal/neopentecostal e de acenar positivamente para as relações desenvoltas entre este grupo e a política, a mídia e a própria religião, o final do vídeo revela para o ouvinte o sentido verdadeiro por detrás das afirmações positivas: o julgamento negativo referente a determinadas tomadas de ação por uma fatia do segmento evangélico, sendo essa fatia, portanto, o alvo do ato humorístico.

Considerações finais

A partir da descrição do *corpus* e dos dados obtidos com a nossa análise, consideramos que o Bispo Arnaldo é a identidade discursiva, e o ato humorístico é dirigido para uma coletividade denominada “irmãos”, possivelmente compreendida pelos seguidores ou pessoas que acompanham o quadro humorístico da Igreja Evangélica Pica das Galáxias. Neste caso, no plano ficcional, o Bispo seria o líder e os “irmãos” os fiéis que, ficcionalmente, veem o pseudolíder como guia religioso a ser seguido.

O discurso é marcado pela recorrência, no jogo enunciativo, do procedimento da ironia, por meio do qual o enunciador diz algo positivo, ao se inserir ficcionalmente na coletividade evangélica neopentecostal, mas esse comportamento enunciativo esconde um julgamento negativo (Charaudeau, 2006). São deixadas, entretanto, pistas que indicam este sentido outro por trás do dito, sendo papel do receptor conectar os pontos para chegar a essa compreensão.

O humorista, com seu ato humorístico, busca, no destinatário, uma conivência crítica, já que é feita “uma denúncia do falso semblante de virtude que esconde valores negativos. Essa conivência é, então, polêmica [...] como se houvesse uma contra-argumentação implícita, porque ela busca compartilhar o ataque a uma ordem estabelecida” (Charaudeau, 2006, p. 36 - tradução nossa)¹⁸. Contudo, o verdadeiro receptor, aquele que interpretará o discurso, pode coincidir com o destinatário idealizado ou não. Sendo assim, existe a possibilidade de que uma parcela dos internautas que verdadeiramente entrarão em contato com o discurso por meio do ambiente virtual não compartilhem dessa conivência, sobretudo porque “a crítica tem um alcance particularizante, podendo se tornar agressiva para o alvo” (Charaudeau, 2006, p. 36 - tradução nossa)¹⁹.

Por fim, o humor aparece como um modo de construir discursivamente a argumentação do pseudolíder. A partir dos comportamentos enunciativos por meio dos quais o locutor se insere e insere o outro no discurso, observamos que o que está por trás da aparente anuência a algumas tomadas de ação por parte de uma parcela religiosa é a crítica a essas mesmas tomadas de ação.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

18 Do original: “La connivence critique propose au destinataire une dénonciation du faux-semblant de vertu qui cache des valeurs négatives. Elle est donc polémique (ce que n’est pas la connivence ludique), comme s’il y avait une contre-argumentation implicite, car elle cherche à faire partager l’attaque d’un ordre établi en dénonçant des fausses valeurs” (Charaudeau, 2006, p. 36).

19 Do original: “Contrairement à la connivence ludique, la critique a une portée particularisante pouvant devenir agressive à l’endroit de la cible” (Charaudeau, 2006, p. 36).

Referências

ALGRANTI, Joaquín. Parodias evangélicas: sobre las reclasificaciones morales del humor en el pentecostalismo. **Religião e Sociedade**, v. 43, n.2, p. 87-111, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/PvTpRp8FrP9xjztpFTJQVrJ/?lang=es>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. **O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos**. São Paulo: Todavia, 2024.

BRASIL. Agência IBGE Notícias. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. [Brasília]: IBGE. 29 jun. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BUENO, Alexandre Marcelo. Sobre a intolerância: percursos semióticos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. esp., fev., 2020. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1796/679>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo. 1997.

CARDOZO, Carlos Eduardo. Fé em Deus, pé na tábua – pertença religiosa e participação social das juventudes contemporâneas. In: OLIVEIRA, Teresinha Rodrigues de; GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga; CASTRO, Carmem Lúcia Freitas de. (org.) **Políticas Públicas de Juventudes: Contextos, percepções e desafios da prática**. Barbacena: EdUEMG; Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais/Faculdade de Políticas Públicas “Tancredo Neves”. 2010. cap. 3, p. 75-96.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l’humour? **Revue questions de communication**, nº 10. Presses Universitaires de Nancy. Nancy, p. 19-41, 2006. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Des-categorie-pour-l-humour>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l’humour. Précisions, rectifications, compléments. In: VIVERO-GARCÍA, Maria Dolores. (org.) **Humour et Crises Sociales: regards croisés France-Espagne**. L’Harmattan: Paris, 2011. p.10-43.

CHARAUDEAU, Patrick. L’humour de Dieudonné: le trouble d’un engagement. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Humour et engagement**. Limoges LambertLucas, 2015, p. 135-182. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/L-humour-de-Dieudonne-le-trouble-d-un-engagement.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/69813>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Adriano Sousa. Pluralidade cultural e religiosa no Brasil: um olhar pentecostal. **Reflexus**, Vitória, v.13, n. 21, p. 221-254, 2019. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/749>. Acesso em: 08 jan. 2025.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. (org.) **O censo e as religiões no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e Reflexão, 2014.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **REVER, Revista de Estudos da Religião**, p. 68-95, dez. 2008, Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

MELO, Mônica Santos de Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In: MELO, Mônica Santos de Souza. (org.) **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nad/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MELO, Mônica Santos de Souza. A organização argumentativa no aconselhamento do pastor Silas Malafaia sobre o candidato à presidência Fernando Haddad. **Matraga - Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da UERJ**, v. 28, n. 52, p. 66-81, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/53236>. Acesso em: 06 mai. 2025.

MELO, Mônica Santos de Souza; RIVELLI, João Vitor Ferreira. A polêmica sobre o fechamento de estabelecimentos comerciais e de templos na pandemia de Covid-19: estratégias argumentativas em tweets de um pastor evangélico. **Primeira Escrita**, v. 9, n. 1, p. 69-83, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/15442>. Acesso em: 06 mai. 2025.

MELO, Mônica Santos de Souza; ARAUJO, Said Slaibi. Político pastor ou pastor político? Estratégias discursivas a favor do populismo nas redes sociais. **Interletras: Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN**, v. 11, n. 38, p. 1-19, fev.-ago 2024. Disponível em: <https://www.unigran.br/revistas/interletras/trabalho/84>. Acesso em: 05 jan. 2026.

ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 383-395, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p383>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: as religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto. 2010.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187-214, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/GGc54bzbNRHfcQGMnnQmfmx/?lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

RÉMOND, René. **Introdução à história de nosso tempo**. São Paulo: Cultrix, 1976.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. O funcionamento do humor no discurso religioso midiático. In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 24, 2012. **Anais eletrônicos do GELNE**. Natal: EDUFRRN, 2012. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/An%C3%A1lise%20do%20discurso.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VALE, Rony Petterson Gomes do. **O discurso humorístico**: um percurso de análise pela linguagem do riso. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte. 2013. 279f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETR-9ARN7W/1/1373d.pdf>. Acesso em: 05. jan. 2025.